

LITERATURA INFANTIL ELETRÔNICA: INTERCÂMBIOS ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO E DIGITAL

Joanita Baú de Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco. joanita.bau@gmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda o potencial da literatura eletrônica infantil para a alfabetização e o letramento literário e digital. Mesmo que desprovida de pretensões utilitaristas, que visem desenvolver habilidades de caráter prático ou fomentar valores morais e éticos, a literatura infantil pode estar imbuída de um papel formador, ao despertar a imaginação e prover o indivíduo de um repertório cultural diversificado. Por este motivo, a aliança entre o caráter lúdico e o pedagógico é marca característica das produções literárias voltadas ao público infantojuvenil, seja esta uma narrativa oral perpetuada de geração em geração, seja uma poesia impressa nas páginas de um livro. Ao migrar para a esfera virtual, este tipo de produção ganha novos contornos, podendo também colaborar com o domínio das mídias digitais e inserir o indivíduo nas práticas e eventos de letramento próprios da cibercultura. Para tratar do referido assunto, esta pesquisa contemplou dois momentos distintos. A princípio, embasado em referencial teórico, discute-se questões relativas às diferenças e correlações entre alfabetização e letramento, a necessidade da promoção do letramento digital em face do desenvolvimento tecnológico, bem como a importância do letramento literário e as potencialidades educativas da literatura infantil. Em um segundo momento, prioriza-se a análise prática, ao tratar das obras de literatura eletrônica infantil de Angela Lago, as quais chamam atenção por desenvolver habilidades motoras e cognitivas, ao permitir e incitar a interatividade do público. Ao final das análises, conclui-se que obras eletrônicas infantis, similares às analisadas, podem servir como ferramenta educativa apta a integrar a alfabetização ao letramento literário e digital.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Literatura infantil, Literatura eletrônica, Angela Lago.

Introdução

O advento da informática e da internet tem provocado mudanças significativas no modo como nos comunicamos e participamos das práticas de leitura e escrita no mundo contemporâneo. As relações interpessoais são cada vez mais mediadas por equipamentos eletrônicos, através do uso de e-mails, chats, blogs, aplicativos de mensagens, chamadas telefônicas, etc. Do mesmo modo, a interação entre seres humanos e máquinas se torna cada vez mais corriqueira, seja em uma

transação bancária, na solicitação de uma senha para fila de espera, na compra de produtos em máquinas de venda automática ou na escolha de um candidato em urna eletrônica.

Diante desse novo contexto, urge que a escola cumpra seu papel social de educar para o amplo exercício da cidadania, preparando os indivíduos para beneficiar-se dos recursos tecnológicos disponíveis no mundo contemporâneo. Para tanto, entre outras medidas, é necessário letrar digitalmente o alunado.

A inserção desses conhecimentos no ambiente educacional não precisa ocorrer de forma isolada. Considerando-se que as novas tecnologias estão cada vez mais inseridas na vida cotidiana e tornam-se, inclusive, ferramentas para o ensino, a perspectiva interdisciplinar apresenta-se como metodologia favorável ao fomento do letramento digital, desde os primeiros ciclos da educação básica, aliado ao desenvolvimento de habilidades e competências de outros campos do saber.

Considerando essa possibilidade, o presente trabalho visa destacar o potencial da literatura eletrônica infantil para a promoção dos letramentos literário e digital de forma conjunta com o processo de alfabetização. Para tanto, analisa-se as obras eletrônicas da escritora Angela Lago, as quais, além de lúdicas, permitem a interatividade e apresentam conteúdos pedagógicos propícios à aquisição do sistema convencional de escrita e repertório cultural ligado ao imaginário infantil.

Alfabetização e letramento

Alfabetização e letramento são conceitos que, embora correlacionados, não devem ser confundidos. A alfabetização diz respeito ao conhecimento do sistema convencional de escrita de determinada língua, que permite ao indivíduo ler e escrever textos em determinado idioma. Já letramento refere-se ao uso constante desse conhecimento em atividades cotidianas.

Conforme Soares (2009, p. 17), a palavra letramento deriva do termo inglês *literacy*, que designa “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Tal definição traz implícita a ideia de que a aquisição da tecnologia da escrita implica em alterações nas ordens sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, entre outras. Portanto, letramento pode ser compreendido como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p. 18).

Considerando, então, que letramento não se refere a um conjunto de habilidades aprendidas, mas às atividades de escrita e leituras realizadas pelas pessoas em seu cotidiano, Soares (2009, p.36) aponta a diferença entre o indivíduo alfabetizado e o letrado:

Há assim uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser *letrado* (atribuindo a essa palavra o sentido que tem *literate* em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna *alfabetizada* – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna *letrada* – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é *alfabetizada*, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

É justamente a percepção de que, embora a população brasileira estivesse sendo alfabetizada, não estava sendo letrada, que justifica o aparecimento do termo letramento no Brasil na década de oitenta. Anteriormente, os termos analfabetismo e alfabetização eram suficientes para expressar o problema de haver uma grande massa de analfabetos no país. Quando essa realidade começa a ser modificada e, concomitantemente, a sociedade começa a se tornar cada vez mais grafocêntrica, evidencia-se o fato de que muitas pessoas, mesmo sendo alfabetizadas, não adquiriam competências simples, tais como redigir ou localizar informações em um texto, e não se tornavam efetivamente leitores e escritores. Nesse novo contexto, a palavra letramento surge para designar a necessária inserção dos indivíduos nas práticas de leitura e escrita cotidianas (SOARES, 2009, p. 45-6).

Ainda na década de oitenta, ocorre também uma mudança conceitual no que tange as concepções até então vigentes a respeito da aquisição da língua escrita. Os métodos behavioristas, que se centravam na aprendizagem direta e explícita do sistema convencional de escrita, foram substituídos pela teoria construtivista, a qual destacava o papel fundamental da interação com práticas de leitura e escrita diversas para a compreensão do sistema de escrita como sistema de representação dos sons da fala pela criança (SOARES, 2004a, 2004b).

Conforme Soares (2004b), apesar dos ganhos advindos da teoria construtivista, ela conduziu também a alguns equívocos, como a abdicação de um método de alfabetização, a desconsideração da natureza convencional e arbitrária das relações entre fonema e grafema e o pressuposto de que a alfabetização decorreria naturalmente da convivência intensa da criança com materiais escritos. Como consequência, “a *alfabetização*, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo *letramento*, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade” (SOARES, 2004b).

A perda de especificidade da alfabetização, isto é, sua fusão com o processo de letramento, com ênfase em atividades que visam desenvolver este último, conduziu a um novo fracasso no ensino da língua escrita no sistema educacional brasileiro. Agora, constata-se que os alunos estão sendo letrados, mas não alfabetizados.

Exposta essa conjuntura, Soares (2004a, 2004b) adverte contra o retorno à alfabetização dissociada do letramento. Para a referida pesquisadora, é necessário integrar ambos os processos, mas reconhecendo as especificidades de cada um e a diversidade de métodos e procedimentos necessários à formação de indivíduos alfabetizados e letrados:

[...] os dois processos –alfabetização e letramento – são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situação de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificial construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do, em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita (SOARES, 2004a, p. 100).

O letramento digital

Embora inicialmente as teorias e pesquisas sobre letramento tenham se voltados para textos impressos, com predomínio da linguagem verbal, aos poucos, os pesquisadores perceberam que a escrita alfabética é usada em conjunto com outros sistemas semióticos, como símbolos matemáticos, notações musicais, mapas e imagens. Concomitantemente, a grande difusão das novas mídias no contexto contemporâneo suscitou a necessidade de pensar como ocorrem as práticas de leitura e escrita dos indivíduos em consonância com diversas tecnologias. Não obstante, percebeu-se que o letramento não é o mesmo em todos os tempos e espaços, em virtude da pluralidade cultural e de fatores de ordem histórica. Dessas observações, surge a perspectiva de que há múltiplos letramentos. Barton e Hamilton, por exemplo, enfatizam que existem diferentes letramentos associados com diversos domínios da vida:

Olhando para diferentes eventos de letramento fica claro que letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao invés disso, há diferentes letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem diferentes mídias e sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser consideradas como diferentes letramentos, como letramento fílmico e letramento computacional. Outro sentido é que práticas em diferentes culturas e línguas podem ser consideradas como diferentes letramentos (BARTON; HAMILTON, 2003, p.9, tradução nossa).

Mediante essa ampliação do conceito de letramento, a noção de letramento digital surge como uma das mais promissoras, frente aos rápidos avanços tecnológicos. O surgimento do termo “analfabeto digital”, para designar aqueles que não sabem fazer usos de equipamentos e programas computacionais, aponta para a maneira como o advento e ascensão conjunta da informática e da internet tem impactado as práticas sociais de leitura e escrita.

Assim como os analfabetos são excluídos de práticas sociais por não dominarem a leitura e a escrita, como o direito ao voto, por exemplo, os “analfabetos digitais” também ficam à margem de

diversas práticas cotidianas. É comum encontrar filas de aposentados à espera de um funcionário que possa auxiliá-los com caixas eletrônicos. Não é raro saber que alguém foi preterido em vaga de emprego por não ter noções básicas de informática. Lamentável também ainda encontrar alunos concluintes do Ensino Médio que não sabem fazer inscrições em processos seletivos *online* por não terem contato suficiente com mídias digitais ou gêneros discursivos que nelas circulam.

Portanto, assim como outrora o fato da sociedade estar se tornando cada vez mais grafocêntrica revelou que somente o conhecimento do sistema convencional de escrita não tornava as pessoas aptas a compreender e produzir textos, agora, a crescente informatização dos mais variados espaços sociais tem apontado para a urgência de formar cidadãos capacitados para corresponder a essa nova mudança, a fim de evitar exclusões como as acima mencionadas.

O chamado letramento digital, ao contrário do que é comum imaginar, não diz respeito apenas ao uso do computador e seus softwares. Diferente disso, inclui práticas de leitura e escrita mediadas por diversas tecnologias, conectadas ou não à internet. Por este motivo, conforme Lima (2015), um indivíduo pode deter conhecimento acerca do funcionamento de hardware e software (parte física e lógica) das tecnologias de informação e comunicação, tais como computadores, tablets, programas, aplicativos, etc., e não ser letrado digital. O domínio da técnica que permite acessar e manusear às novas mídias corresponde apenas ao nível de alfabetização digital. Já o letramento digital pressupõe o uso da tecnologia para participação nas práticas sociais da cibercultura. O letrado digital, portanto, corresponde ao indivíduo que está inserido nas práticas sociais no mundo digital, as quais incluem não só a produção e leitura de textos escritos na tela do computador, mas também a interação com objetos multimídias, que podem conter sons, imagens, vídeos, etc.

Nesse sentido, o letramento digital não é de responsabilidade exclusiva dos profissionais da informática, especialmente considerando a prerrogativa de que os mais diversos tipos de letramentos, inclusive o digital, ocorrem mediante a interação com gêneros textuais diversos:

As Práticas Sociais e os eventos em geral (não só os de letramento) são mediados e efetivados por gêneros orais, escritos e, agora também, os digitais. Esses assumem caráter essencial dentro das atividades específicas de letramento, já que estudar os tipos de letramento é parte do estudo dos gêneros de texto, para se saber como eles são produzidos, utilizados e adaptados a cada situação vivida pelo indivíduo pertencente a dada comunidade que está em processo constante de interação entre seus membros. Por essa razão é que dizemos que o advento da Internet vem contribuir para o surgimento de Práticas Sociais e Eventos de Letramento inéditos, bem como deixa vir à tona gêneros textuais, até então, nunca vistos nem estudados. Os dispositivos informáticos hoje disponíveis na rede digital de comunicação possibilitam a criação de formas sociais e comunicativas inovadoras que só nascem pelo uso intenso das novas tecnologias (XAVIER, 2007, p. 43).

Essas práticas e eventos inéditos propiciados pelas mídias digitais e internet são, em geral, mediados por gêneros que se caracterizam, especialmente, pela hipertextualidade e

hipermidialidade. A primeira diz respeito à estruturação do texto através dos chamados hiperlinks, que permite ao leitor saltar de um trecho a outro, conforme sua vontade ou necessidade de obter informações específicas. Já a segunda refere-se à multiplicidade de mídias ou linguagens (verbal, sonora, visual, etc.) congregadas em um mesmo objeto. Essas duas propriedades apontam para o papel fulcral dos professores da área de Linguagem, códigos e suas tecnologias na inclusão dos indivíduos nas práticas sociais de letramento da cibercultura, que envolvem gêneros manipuláveis e intersemióticos.

Letramento literário e literatura infantil

O chamado letramento literário, assim como o digital, é outro termo decorrente da expansão do conceito de letramento. Como o nome sugere, trata especificamente das práticas de leitura e escrita mediadas por gêneros da literatura, como poesia, contos, romances, etc. As características típicas desses textos, como o caráter ficcional, a linguagem plurissignificante, predomínio da dimensão estética sobre a pragmática, entre outras, justificam a necessidade de diferenciar esse letramento dos demais. Nesse sentido, promover o letramento literário significa tornar os indivíduos aptos para compreender e usufruir da natureza metafórica, estética e ficcional da literatura.

Paulino (2001, p.117-8) corrobora essa perspectiva ao considerar que o letrado literário seria “aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos [os literários], preservando seu carácter estético, aceitando o pacto [ficcional] proposto e resgatando objetivos culturais em sentidos mais amplos, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler”.

Também pelas características particulares da literatura, o letramento literário tem especial relevância na formação humana. Nessa perspectiva, Paulino e Cosson (2009, p. 68) destacam dois procedimentos singulares do letramento literário. “O primeiro deles é a interação verbal intensa que a apropriação da literatura demanda. A leitura e a escrita do texto operam em um mundo feito essencialmente de palavras e, por essa razão, uma integração mais profunda com o universo da linguagem se torna necessária”. Como destaca Cosson (2014), o valor dessa imersão no mundo da linguagem reside, sobretudo, no fato de que constituímos e expressamos nossa visão de mundo por meio de palavras. Desse modo, quanto mais nos apropriamos da língua, maior é a nossa capacidade de expressão, maior é o nosso mundo. Não obstante, o texto literário permite experienciar a linguagem de uma maneira única, por explorar as potencialidades da língua, rompendo com regras preestabelecidas, garantindo, assim, que nos tornemos sujeitos da escrita. O segundo procedimento de letramento literário destacado por Paulino e Cosson (2009, p. 69)

é o reconhecimento do outro e o movimento de desconstrução/construção do mundo que se faz pela experiência da literatura [...]. É assim que a literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade. Na verdade, todos nós constituímos e reconstituímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. O que cada um é, o que quer ser e o que foi dependem tanto de experiências efetivas, aquelas vividas, como da leitura que faz das próprias possibilidades de ser e das experiências alheias a que tenha acesso por meio dos textos.

Entrar em mundo construído de palavras, onde é possível encontrar a alteridade e a subjetividade, e de lá sair com horizontes culturais ampliados não é uma experiência propiciada apenas pela literatura voltada ao público adulto. A literatura infantojuvenil também tem essa potencialidade formativa. Além disso, ela também tem suma importância para o letramento literário, porque responsável por fomentar o interesse pelos livros na infância, fator que auxilia fortemente a permanência do hábito da leitura durante toda a vida do indivíduo.

É fato que muitas críticas têm sido feitas a inserção da literatura infantil na escola e seu uso como recurso pedagógico. Contudo, como alerta Soares (2011, p.22)

o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

Não obstante, conforme afirma Giroto, Souza e Davis (2015, p.294),

desconsiderar o caráter educativo que possui o livro infantil, (sic) é algo ingênuo se se quer acreditar que a educação seja um fenômeno presente em qualquer situação formal ou informal em que a criança e/ou adultos estejam em interação. Partindo desse princípio, o livro constitui-se em uma dentre tantas objetivações humanas – entendidas como criações ou transformações histórico-socialmente produzidas – que, ao ser apropriado pela criança, traz consigo elementos constitutivos de todo o processo histórico formador do autor, da obra como tal e do próprio leitor.

Nesse sentido, mesmo que desprovida de pretensões utilitaristas, que visem desenvolver habilidades de caráter prático ou fomentar valores morais e éticos, a literatura infantil pode estar imbuída de um papel formador, ao despertar a imaginação e prover o indivíduo de um repertório cultural diversificado. Por este motivo, a aliança entre o caráter lúdico e o pedagógico é marca característica das produções literárias voltadas ao público infantojuvenil, seja esta uma narrativa oral perpetuada de geração em geração, seja uma poesia impressa nas páginas de um livro.

Ao migrar para a esfera virtual, este tipo de produção ganha novos contornos, podendo também colaborar com o domínio das mídias digitais e auxiliar na inserção do indivíduo nas práticas e eventos de letramento próprios da cibercultura, conforme veremos no próximo tópico.

Os múltiplos letramentos na literatura infantil eletrônica de Angela Lago

Após uma sólida produção de premiados livros infantis impresso, a escritora e ilustradora Angela Lago aventurou-se na criação de literatura para crianças no ciberespaço. Nessas obras *online*, a integração harmoniosa de semioses diversas, que já caracterizavam as obras impressas da autora, multiplica-se, graças à capacidade das mídias digitais de integrar linguagens distintas em um mesmo objeto. Além disso, as obras digitais de Angela Lago destacam-se por serem objetos interativos que permitem a intervenção do leitor.

Por suas características, classificamos as criações infantis virtuais de Angela Lago como literatura eletrônica, seguindo a definição proposta por Hayles (2009), que diferencia esse tipo de produção de livros impressos digitalizados, por se tratar de obras nascidas no meio digital, produzidas e lidas mediante o uso de um computador.

Pelo uso lúdico do espaço virtual, as obras eletrônicas de Lago apresentam potencialidades pedagógicas para promoção da alfabetização e do letramento literário integrado ao digital.

No que tange especialmente a alfabetização, destaca-se a obra *O ABCD de Angela Lago*. Essa produção pode ser caracterizada mais propriamente como um portal, que inclui algumas narrativas e atividades interativas. Algumas delas incluem as letras do alfabeto, motivo pelo qual podem se tornar facilitadoras no processo de aquisição do sistema convencional de escrita.

Exemplo disso é a narrativa *O cachorrinho feio*. Ao abri-la, destaca-se, inicialmente, no centro da tela, as cinco vogais da língua portuguesa. Na medida em que se clica com o mouse nelas, seu respectivo som é reproduzido por um patinho, localizado na parte inferior. Feito isso, surge o nome da história soletrado por uma voz de criança. Enquanto a leitura do título acontece, as vogais vão sendo destacadas com tonalidades coloridas, que contrastam com as consoantes na cor cinza. Em seguida, um grupo de patos aparece reproduzindo um som semelhante ao da letra A. Nesse momento, surge a figura de um cachorro, que tenta integrar-se ao grupo, mas ao invés de grasnar A, ele late AU. Por este motivo, o cão é recriminado pelos patos, que repetem a vogal E e acenam negativamente, girando a cabeça para o lado. O cachorro, entristecido, começa a choramingar, enquanto os patos emitem a sonoridade do I. Eis que aparece um anjo reproduzindo o som do O. O cãozinho é levado pelo anjo para fora da tela, emitindo o som do U em direção ao grupo de patos. No instante em que cada um dos sons é reproduzido, aparecem balões de fala com a vogal correspondente pintadas em cores alegres. No segundo momento da estória, aparecem, novamente, o cachorro e o anjo. Este último pergunta: “Será que ele já sabe o A E I O U?”. A partir de então cabe ao leitor clicar nas vogais para que a narrativa prossiga. Quando ocorre essa interação, o cão se

posiciona em cima da letra clicada, assume uma forma similar a vogal escolhida e reproduz o seu respectivo som. O anjo, por sua vez, parabeniza o animal a cada novo acerto. Dada essas configurações, torna-se notório que *O cachorrinho feio* pode auxiliar no processo de alfabetização, à medida que destaca e emite os sons das vogais, além de requisitar a participação do leitor que, por ventura, tal como o cãozinho, pode estar em processo de aquisição do sistema de escrita.

Também pode colaborar com o processo de alfabetização a obra *Uai! Cadê o i?*, a qual também integra o portal *ABCD*. Nela, as letras do alfabeto aparecem, inicialmente, na cor cinza e no formato de imprensa maiúscula. Entretanto, ao ser clicada, cada letra adquire cor, reproduz seu respectivo som e assume a forma de um ser ou objeto cujo nome se inicie com ela. Assim, por exemplo, o A se torna um anjo, o B uma bruxa, o C um cachorro... Como o nome do texto sugere, a letra I não aparece. Mas, um clique entre as letras H e J faz com que o I se manifeste e surja na tela a palavra “Invisível”. Logo, deduz-se que o I não aparecia justamente porque sua forma correspondia precisamente à palavra escolhida para representá-lo.

Outra obra, não nomeada, acessada dentro do *ABCD*, também dá destaque para as letras do alfabeto. Na tela aparece uma lixeira e uma advertência: “Clique na letra do nome de alguém que você não goste, depois me clique, acabo com ele. Mas cuidado, mas de seis letras me abre o apetite”. Em seguida, aparece a figura da mesma lixeira, seis espaços em brancos a serem preenchidos e as letras do alfabeto em maiúscula de imprensa. Ao serem clicadas, as letras aparecem nos espaços em brancos, no formato de um ser ou objeto considerado ruim. Ao mesmo tempo, uma voz relaciona a letra à figura que ela assume. Quando se clica na letra I, por exemplo, escuta-se a frase “I de injeção”, na letra F ouve-se “F de fantasma” e, assim, sucessivamente. A lixeira, ao ser clicada, imediatamente devora as letras. Contudo, se os seis espaços são preenchidos, quando a sétima letra é clicada, a lixeira devora todo o alfabeto, cumprindo a advertência a respeito de sua gula.

Tanto essa obra quanto as anteriores podem facilitar o aprendizado do alfabeto por relacionarem letras a sons e nomes de forma lúdica e engraçada. Em todas elas, a memorização é facilitada pelo estabelecimento de relações entre os sons e suas representações gráficas. Certamente, as três obras analisadas até o momento estimulam muito mais o aprendizado do que exercícios repetitivos, mediados por lousas e folhas de papel sem cor, sem som, sem movimento, sem animação, sem narrativas que façam fluir a imaginação e a criatividade.

Diferente dessas obras mencionadas, que podem auxiliar no processo de alfabetização, pela ênfase nas letras do alfabeto, outras obras virtuais de Angela Lago não possuem signos verbais

escritos, excetuando-se os créditos (nome da autora e da obra) na abertura do texto. Este é o caso, por exemplo, de *Oh!*. Ao abrir a página dessa produção, vê-se um morcego em sobrevoo na tela. Logo em seguida, após o nome da autora, o título do texto surge escrito, em tom vermelho, e é verbalizado por uma voz que remete ao sussurrar de uma assombração. Na sequência, surgem os personagens, todos em tons de cinza ou negro: um rato, um esqueleto de cachorro, um esqueleto humano segurando uma vela, e um piano. Instaura-se assim, a atmosfera tenebrosa já prenunciada na abertura da produção. A partir de então, excetuando-se o movimento do rabo dos animais e dos olhos e costelas da caveira, nada acontece na tela até que o leitor se dispunha a intervir. Só quando o leitor clica nos desenhos dos personagens, eles passam a interagir entre si: o piano toca uma música, o rato invade o corpo da caveira, o cachorro engole o rato, a caveira faz do cachorro uma sanfona, etc. Toda essa bagunça promovida pelos personagens acaba por transformar em diversão e riso o que parecia ser uma estória de terror.

Outra história sem elementos verbais é a adaptação do conto *Chapeuzinho vermelho* intitulado *Le chaperon rouge: la interminable caperucita*. Após os créditos iniciais, surgem chapeuzinho e sua mãe, que parecem travar o diálogo bem conhecido do início da estória, quando a mãe pede à filha que visite a avó e tome cuidado para não falar com estranho ou se desviar do caminho. Essa cena permanece até que o leitor decida interagir clicando em chapeuzinho. Feito isso, a menina segue em direção à casa da avó e encontra com o lobo. Se até então a história se matinha fiel às principais versões desse conto, a partir desse trecho inúmeros finais são possíveis, dependendo da interação do leitor, isto é, dependendo de quais personagens o leitor decide clicar em determinado ponto da história. Em um dos finais mais surpreendentes, o lobo, ao invés de comer a vovozinha, é por ela comido. Quando a narrativa se encerra, surge novamente a tela inicial com a palavra *again*, ao clicar sobre ela, a estória recomeça e o leitor pode tentar obter outro final.

Essas duas últimas obras lembram aquele tipo de estórias em quadrinhos nas quais, embora não haja textos verbais, não se pode negar a existência de uma narrativa. É por este motivo que *Oh!* e *Le chaperon rouge*, apesar da ausência de letras ou palavras grafadas, são propícias ao letramento literário. Ambas põem o leitor em contato com o universo dos contos fantásticos, tão comuns aos livros destinados às crianças. Mas, nesse caso, por se tratar de obras virtuais, a criança descobre também as narrativas em hipermídia e hipertexto, bem como suas características básicas de congregar diversas linguagens e multiplicar uma mesma narrativa, mediante a interação do leitor com o texto, que permite alterar a sequência de ações possíveis e desencadear diversos finais para uma mesma narrativa.

É justamente por propiciar a interação com esses gêneros virtuais que as obras de literatura infantil eletrônica, além de contribuírem com a alfabetização digital, ao estimular o uso do mouse para clicar nos objetos e interagir com a máquina, auxiliam também no letramento digital. O contato com a literatura infantil eletrônica permite à criança conhecer e interagir com os gêneros próprios do ambiente virtual e suas principais características.

Considerações finais

Ao final deste trabalho é necessário enfatizar que as potencialidades formativas das obras infantis eletrônicas de Angela Lago de nenhum modo preponderam sobre seu valor autônomo de objeto literário. Mesmo nos primeiros textos aqui analisados, em que a presença marcante das letras do alfabeto aponta para finalidades pedagógicas, o fator estético prepondera, mediante o uso da criatividade na construção de uma narrativa que perpassa o processo de aprendizagem do sistema de escrita, como no caso de *O cachorrinho feio*, na exploração das potencialidades da língua, a exemplo do I invisível de *Uai! Cadê o i?*, ou na ludicidade de uma lixeira gluttona, que devora simbolicamente os medos e desafetos. No caso de *Oh!* e *Le chaperon rouge* nenhuma pretensão didática se ressalta, entretanto, ou talvez por isso mesmo, elas auxiliam na promoção do letramento literário e digital, permitindo ao leitor experienciar gêneros da literatura virtual de forma prazerosa.

Vale também ressaltar que nenhuma criança será alfabetizada simplesmente pelo contato com essas obras. Nem se propõe que somente essas produções sejam usadas para o letramento literário ou digital. A alfabetização requer a participação do indivíduo em atividades de ordens diversas. Muitas das habilidades necessárias à aquisição plena do sistema de escrita não são contempladas nas obras analisadas. O mesmo se pode dizer em relação às competências pertinentes à manipulação das mídias digitais. Não obstante, a inserção do indivíduo nas práticas de letramento da cibercultura requer o contato com gêneros virtuais diversos e não apenas com os literários. O letramento literário, por sua vez, não pode prescindir das obras impressas. É no contato com uma diversidade de material que o indivíduo pode comparar e, assim, compreender melhor as características e peculiaridades que as mídias imprimem às obras nelas produzidas.

Portanto, o intuito desse trabalho foi tão somente demonstrar que as obras de literatura eletrônica infantil de Angela Lago podem contribuir com a proposta de Soares (2004a, 2004b) de alfabetizar letrando e letrar alfabetizando, inclusive em conjunto com os letramentos literário e digital.

Referências

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies**: reading and writing in one community. London/New York: Routledge, 1993.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GIROTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J.; DAVIS, C.L. Metodologias de ensino – Educação literária e o ensino da leitura: a abordagem das estratégias de leitura na formação de professores e criança. In: DAVID, M. C. [et. al.]. **Desafios contemporâneos da educação**. São Paulo: cultura acadêmica, 2015

HAYLES, N. K. **Literatura eletrônica**: novos horizontes para o literário. São Paulo: Global; Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

LAGO, A. **O ABCD de Angela Lago**. Disponível em: <<http://www.angela-lago.com.br/ABCD.html>>. Acesso:25 abr. 2017.

_____. **Le chaperon rouge: la interminable caperucita**. Disponível em: <<http://www.angela-lago.com.br/Chapeuzinho.html>> Acesso:25 abr. 2017.

_____. **Oh!**. Disponível em: <<http://www.angela-lago.com.br/oh.html>> Acesso:25 abr. 2017.

LIMA, E. S. **Sei navegar na internet**: serei eu um letrado digital? 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em letras da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

PAULINO, G. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da FAGED**, Salvador, n. 5, 2001.

_____; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. In: **Pátio – Revista Pedagógica**, 29 de fev. 2004a. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

_____. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 25, Rio de Janeiro, Jan./Abr. 2004b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso 13 fev. 2017.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.).
Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.